

**FACULDADE NOSSA SENHORA APARECIDA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**AUTISMO:
ABORDAGEM TEÓRICA E DIÁRIO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Aluna: Sandra Silva dos Santos Costa
Orientadora: Me. Carolina Machado Moreira

**FACULDADE NOSSA SENHORA APARECIDA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**AUTISMO:
ABORDAGEM TEÓRICA E DIÁRIO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Artigo Científico apresentado em cumprimento às exigências para o término do Curso de Pedagogia, sob a orientação da professora Me. Carolina Machado Moreira.

**FACULDADE NOSSA SENHORA APARECIDA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
TERMO DE APROVAÇÃO**

SANDRA SILVA DOS SANTOS COSTA

**AUTISMO:
ABORDAGEM TEÓRICA E DIÁRIO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Artigo apresentado em cumprimento às exigências para término do Curso de Pedagogia sob orientação da professora Me. Carolina Machado Moreira.

Avaliado em ____/____/____

Profa. Me. Carolina Machado Moreira
Orientadora – FANAP

Professor Examinador

Aparecida de Goiânia - 2020/1

RESUMO

RESUMO: Esta pesquisa científica trata do tema autismo no ambiente escolar. Seu objetivo principal é analisar as contribuições, estratégias e dificuldades para a inclusão do aluno autismo na rede regular de ensino. A metodologia empregada é a pesquisa teórica qualitativa. Quanto ao meio de investigação, trata-se de uma pesquisa bibliográfica. O método adotado é o dedutivo com mediação pedagógica podendo beneficiar a realidade educacional de acordo com o aluno autista. O embasamento teórico está fundamentado no teóricos: Leite (2015), Klin (2006), Blak e Grant (2015), Leo Kanner (1943), Mantoan (2006), Monteiro *et al* (2008), Fernandes *et al* (2014), Gomes 2007), Roncero (2001), Goldberg (2004), Pinho (2018), Puly (2016), Costa (2017) e Vargas (2014). De modo geral, o artigo propõe-se a analisar: breves apontamentos históricos sobre o termo autismo; a definição de autismo, suas possíveis causas e os sintomas; as contribuições para o desenvolvimento do aluno autista no ambiente escolar; as principais dificuldades na educação regular de um aluno autista; estratégias de ensino para crianças autistas; e, por fim, um diário de práticas pedagógicas com uma aluna autista.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Ensino regular. Inclusão escolar. Práticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A pesquisa em questão destaca o tema sobre o autismo no ambiente escolar. Seu objetivo principal é analisar as contribuições, estratégias e dificuldades para a inclusão do aluno autismo na rede regular de ensino.

A metodologia empregada é a pesquisa teórica qualitativa. Quanto ao meio de investigação, trata-se de uma pesquisa bibliográfica. O método adotado é o dedutivo com mediação pedagógica podendo beneficiar a realidade educacional de acordo com o aluno autista.

O embasamento teórico está fundamentado pelos seguintes teóricos: Leite (2015), Klin (2006), Blak e Grant (2015), Leo Kanner (1943), Mantoan (2006), Monteiro *et al*(2008), Fernandes *et al* (2014), Gomes 2007), Roncero (2001), Goldberg (2004), Pinho (2018), Puly (2016), Costa (2017) e Vargas (2014).

Dividido em seis partes de abordagem teórica, na primeira, trata-se de breves apontamentos históricos sobre o termo autismo. Em seguida, na segunda parte, aborda-se a definição de autismo, suas possíveis causas e os sintomas.

Mais adiante, analisam-se as contribuições para o desenvolvimento do aluno autista no ambiente escolar; as principais dificuldades na educação regular de um aluno autista; estratégias de ensino para crianças autistas; e, por fim, apresenta-se um diário de práticas pedagógicas com uma aluna autista.

1. Autismo: breves apontamentos históricos

De modo geral, a palavra autismo advém do grego *autós* e significa, literalmente, “de si mesmo”.

Sobre a introdução da palavra autismo na literatura, Vargas (2014, p. 163) faz o seguinte relato histórico:

Plouller introduziu o termo autista na literatura psiquiátrica em 1906. Mas, em 1911, foi Bleuler o primeiro a difundir o termo autismo para referir-se ao quadro de esquizofrenia, que consiste na limitação das relações humanas e com o mundo externo.

Em 1943, Leo Kanner, um psiquiatra norte-americano, descreveu 11 casos clínicos envolvendo crianças em seu artigo científico intitulado “Os distúrbios autísticos de contato afetivo”.

Nesses 11 primeiros casos, havia uma "incapacidade de relacionar-se" de formas usuais com as pessoas desde o início da vida. Kanner também observou respostas incomuns ao ambiente, que incluíam maneirismos motores estereotipados, resistência à mudança ou insistência na monotonia, bem como aspectos não-usuais das habilidades de comunicação da criança, tais como a inversão dos pronomes e a tendência ao eco na linguagem (ecolalia). Kanner foi cuidadoso ao fornecer um contexto de desenvolvimento para suas observações. Ele enfatizou a predominância dos déficits de relacionamento social, assim como dos comportamentos incomuns na definição da condição. (KLIN, 2006, p. 2)

Basicamente, os estudos de Kanner relatavam que essas 11 crianças em tratamento apresentavam inabilidade para se relacionarem com outras pessoas e situações desde o início da vida (extremo isolamento), falha no uso da linguagem para a comunicação e desejo obsessivo ansioso para a manutenção da mesmice. A causa do autismo, até então, estava vinculada ao fato dos pais das crianças serem muito intelectualizados, pessoas emocionalmente frias e com pouco interesse nas relações humanas infantis.

Já em 1944, Hans Asperger, médico pediatra austríaco, empregou a expressão “psicopatia autística” para descrever crianças que apresentavam dificuldades de integração social em grupo. Sobre os estudos de Asperger envolvendo as crianças, Vargas (2014, p. 164) ressalta que:

Estas crianças exibiam um prejuízo social marcado, assemelhavam-se com as descritas por Kanner, porém tinham linguagem bem preservada e pareciam mais inteligentes. Entretanto, Asperger acreditava que elas eram diferentes das crianças com autismo na medida em que não eram tão perturbadas, demonstravam capacidades especiais, desenvolviam fala altamente gramatical em uma idade precoce, não apresentavam sintomas antes do terceiro ano de vida e tinham um bom prognóstico.

Em termos gerais, para diferenciar o transtorno de Asperger(Asperger) do autismo (Kanner), Vargas (2014, p.164) faz a seguinte afirmação:

O transtorno de Asperger se diferencia do autismo essencialmente pelo fato de que não se acompanha de retardo ou deficiência de linguagem ou do desenvolvimento cognitivo. A diferença fundamental entre um indivíduo com autismo de alto funcionamento e um indivíduo com transtorno de Asperger é que com o autismo possui QI executivo maior que o verbal e atraso na

aquisição da linguagem. Na prática clínica, a distinção fará pouca diferença, porque o tratamento é basicamente o mesmo.

2. Autismo: definição, causas e sintomas

Com o passar do tempo, muitos outros estudos sobre o autismo foram sendo realizados em todo o mundo. Ainda não há uma definição e uma delimitação consensual de terminologias sobre o autismo. No entanto, a seguir, destacamos a definição de Facion (2005, p. 32) sobre o autismo.

[...] o autismo é uma síndrome, portanto um conjunto de sintomas, presente desde o nascimento e que se manifesta invariavelmente antes dos três anos de idade. Ele é caracterizado por respostas anormais e estímulos auditivos e/ou visuais e por problemas graves na compreensão da linguagem oral. A fala custa a aparecer e, quando isto acontece, podemos observar uma ecolalia (repetição de palavras), o uso inadequado de pronomes, uma estrutura gramatical imatura e uma grande inabilidade de usar termos abstratos. Observa-se também uma grande dificuldade de desenvolver relacionamentos interpessoais [...]. Estes problemas de relacionamento social aparecem antes dos cinco anos de idade, caracterizando-se, por exemplo, por incapacidade de desenvolver o contato olho a olho, jogos em grupos, contatos físicos etc. [...] é comum não apresentar medo do perigo, como altura ou automóveis se locomovendo, podendo ocorrer movimentos corporais como o “balançar”.

Atualmente, as causas do autismo ainda não são totalmente conhecidas. Mello (2004 *apud* VARGAS, 2014, p. 172) acredita que a origem do autismo esteja

em anormalidades em alguma parte do cérebro ainda não definida de forma conclusiva e, provavelmente, de origem genética. Além disso, admite-se que possa ser causado por problemas relacionados a fatos ocorridos durante a gestação ou no momento do parto.

É importante ressaltar que os aspectos relacionados à frieza ou à rejeição materna já foram descartados como possíveis causas do autismo. O recomendado, devido às causas desconhecidas do autismo, é o cuidado preventivo com as gestantes.

De acordo com a ASA (Autism Society of American, 1999 *apud* VARGAS, 2014, p. 172-173), normalmente, os indivíduos autistas apresentam pelo menos nove características relacionadas na tabela abaixo:

1. dificuldade de relacionamento com outras crianças;
2. riso inapropriado;
3. pouco ou nenhum contato visual;
4. aparente insensibilidade à dor;
5. preferência pela solidão; modos arredios;
6. rotação de objetos;
7. inapropriada fixação em objetos;
8. perceptível hiperatividade ou extrema inabilidade.
9. ausência de resposta aos métodos normais de ensino;
10. insistência em repetição, resistência à mudança de rotina;
11. não tem real medo do perigo (consciência de situações que envolvam perigo);
12. procedimento com poses bizarras (fixar objeto ficando de cócoras; colocar-se de pé em uma perna só; impedir a passagem por uma porta, somente liberando-a após tocar de uma determinada maneira os alisares);
13. ecolalia (repete palavras ou frases em lugar da linguagem normal);
14. recusa colo ou afagos;
15. age como se estivesse surde;
16. dificuldade em expressar necessidades – usa gesticular e apontar no lugar de palavras;
17. acessos de raiva – demonstra extrema aflição sem razão aparente;
18. irregular habilidade motora – pode não querer chutar uma bola, mas pode arrumar blocos.

(Fonte: VARGAS, 2014, p. 172-173)

É de suma importância ressaltar que nem todos os indivíduos apresentam todos estas sintomas, no entanto, grande parte desses sintomas aparece nos primeiros anos de vida da criança.

Diante do exposto até o presente momento, nota-se que todas as informações são válidas para que o educador conheça um pouco mais sobre o tema a fim de, futuramente, estar preparado para lidar com alunos autistas nas escolas regulares em que ministrarão aulas.

3. Contribuições para o desenvolvimento do aluno autista no ambiente escolar

Para que aconteça um resultado satisfatório de aprendizagem, no caso do aluno autista, é necessário um atendimento educacional especializado, juntamente com a formação docente para a inclusão, tendo a família uma boa relação com a escola.

Contudo, é necessário o comprometimento da escola com a educação. Pois, é a partir do ambiente escolar, que o aluno é preparado para viver em sociedade. E com o aluno autista não é diferente, mesmo que tenha diversas dificuldades, ele precisa aprender o básico para sua sobrevivência.

Compete à escola adaptar-se para atender às capacidades e necessidades do estudante na classe comum, mobilizando ações e práticas diversificadas que, além do acesso, propicie condições de permanência exitosa no contexto escolar. (KELMAN *et al*, 2010, p. 226)

A principal contribuição para o desenvolvimento e aprendizagem de um aluno autista é que ele se sinta acolhido, respeitado e que receba as mesmas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento que os demais alunos tidos como “normais”.

Além disso, o aluno autista necessita de um ambiente que seja adequado e que seja adaptado para atender suas necessidades, além de acolhedor, pois

o autista sente dificuldade em se relacionar ou se comunicar com outras pessoas, uma vez que ele não usa a fala como um meio de comunicação. Não se comunicando com outras pessoas acaba passando a impressão de que a pessoa autista vive sempre em um mundo próprio, criado por ele e que não interage fora dele. (MENEZES, 2012, p. 25).

Respeitar o tempo e limites do aluno autista é essencial. Precisa-se ter o cuidado com o toque. Pois, ela poderá sentir-se agredida. Vale lembrar que algumas dessas crianças com TEAs são sensíveis ao toque, algumas podendo até sentir dores, causando alteração no comportamento. Por isso, é tão importante conhecer, antes de tudo, a criança, para depois fazer qualquer trabalho pedagógico.

Partindo deste entendimento, é que se percebe a importância do planejamento individual. Em seguida, é necessário analisar o comportamento do educando frente à atividade estabelecida, sem forçar, apenas mostrando-o como fazer, entendendo que ele precisa de tempo e espaço.

Mesmo que não seja possível realizar tal atividade no momento exato, poderá ser concluída em outro momento, até porque ela não consegue permanecer na mesma atividade por muito tempo, ou até mesmo esperar por algo.

Nesse caso, o educando poderá realizar a atividade por etapas, sempre respeitando seus limites e, assim, aos poucos, irá amadurecendo. Pois, caso não seja desta forma, ele criará resistência a tudo que lhe for estabelecido. Seu desenvolvimento depende muito do grau do autismo.

4. Principais dificuldades na educação regular de um aluno autista

A criança autista, muitas vezes, quer interagir e não consegue; outras, simplesmente, não querem. Talvez porque a brincadeira não a agrade ou até mesmo por perceber que as demais crianças estão evitando-a.

A criança autista percebe que acontece à sua volta, só não consegue se expressar. Por esse e outros motivos, é que o preconceito deverá ser extinto, pois atrapalha a socialização do autista com o outro.

De acordo com o DSM-5, as principais características do autista são: déficits de interações sociais e de comunicação e comportamentos repetitivos e restritos.

As características essenciais do transtorno do espectro autista são prejuízo persistente na comunicação social recíproca, nos comportamentos comunicativos não verbais utilizados para a interação social e no desenvolvimento, manejo e compreensão de relacionamentos (critério A), bem como padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades (critério B). As distinções entre os transtornos globais do desenvolvimento eram inconsistentes ao longo do tempo, variáveis entre diferentes regiões e muitas vezes associadas a gravidade, nível de linguagem ou inteligência em vez de a características do transtorno. O grupo de trabalho para transtornos do neurodesenvolvimento considerou várias opções e concluiu que, uma vez que o autismo é definido por um conjunto comum de comportamentos, ele é mais bem representado por uma categoria diagnóstica única, adaptada à apresentação clínica do indivíduo por meio de especificadores (p. ex., gravidade, prejuízo intelectual, prejuízo na linguagem) e características associadas (p. ex., transtornos genéticos conhecidos, epilepsia, deficiência intelectual). Por exemplo, um indivíduo previamente diagnosticado com transtorno de Asperger agora pode ser diagnosticado com um transtorno do espectro autista, sem prejuízo intelectual e sem prejuízo estrutural na linguagem. (BLACK E GRANT, 2015 p.40 e 41)

As características relacionadas acima indicam que o processo de inclusão do aluno autista na escolar regular pode ser complexo. O aluno autista, normalmente, enfrenta uma série de dificuldades. Sobre este assunto, Mantoan (2006, p. 25) afirma que:

Inserir uma criança autista em uma sala de aula do ensino regular, requer uma série de demandas, para fornecer o bem estar e adaptação correta do educando, por serem crianças que necessitam de cuidados específicos, este foi o assunto pelo qual instigou-se, sendo difícil o aprendizado de crianças com TEA, com isso vem as dificuldades de profissionais qualificados.(MANTOAN, 2006. p.25)

Além das principais dificuldades do autismo, existem inúmeras outras que variam de acordo com o grau.

Existem ainda outras manifestações que caracterizam o autismo como comportamentos ritualistas, crise de birra, auto-agressividade, alterações no sono e alimentação, ausência de noções de perigo, hipo ou hiperreações a estímulos sensoriais como luz ou sons, bem como apego a datas e itinerários e ainda demonstração de predileção por objetos rígidos e incomuns e geralmente apresenta medo e fobia inespecíficos. A criança com esta síndrome não estabelece contatos físicos, visuais ou auditivos e nem tão pouco afetivos. O isolamento social também é marcante nestes portadores, sendo assim não demonstram interesse em participação de jogos cooperativos, brincadeiras em grupo, no entanto, podem surgir momentos de interações afetivas, mas da mesma forma que elas surgem, elas desaparecem (MONTEIRO *et al* 2008, p.1)

O uso da tecnologia é uma ótima estratégia de ensino e aprendizagem do aluno autista, é algo interessante e que chama a atenção do aluno. É motivador e pode ser aplicada em todas as disciplinas.

Aplicações da tecnologia para auxiliar pessoas que possuem autismo são muito importantes. A Realidade Aumentada (RA) é uma tecnologia nova que pode ser utilizada para aplicações em diversas áreas e em constante crescimento, sendo uma subárea da realidade virtual. Também é uma tecnologia dependente de processamento em tempo real e, por isso, é influenciada pela evolução da computação, tanto do ponto de vista do hardware quanto do software. (FERNANDES *et al*, 2014, p.1)

A teoria da mente, de acordo com Frith (1989 *apud* GOMES, 2007, p. 348) descreve a forma de como as pessoas com autismo pensam:

Se refere às estratégias que crianças de desenvolvimento típico utilizam para inferir sobre os estados mentais de outras pessoas e prever o comportamento das mesmas em função destes atributos. No caso dos autistas, estes podem não prever comportamentos humanos e não atribuir crenças ou ideias a comportamentos observados em outras pessoas, falhando em estabelecer uma teoria da mente. (Gomes, 2007, p.348)

Segundo Roncero (2001), *apud* Gomes (2007), também relaciona sobre o comportamento das pessoas com autismo, apresentando as dificuldades de compreensão das linguagens verbais e interesses restritos.

O desenvolvimento desta população é caracterizado por um desajuste qualitativo, ou seja, um padrão descoordenado com dificuldades significativas em algumas áreas como interação social e comunicação, porém com habilidades em outras, como memória mecânica e destrezas espaciais. Na maioria dos casos, as habilidades destas pessoas que ressaltam em seu repertório relacionam-se principalmente a memória visual, estabelecimento de relações lógico-matemáticas e, principalmente, ao seguimento e manutenção de regras e rotinas. (GOMES, 2007, p. 348 e 349)

5. Estratégias de ensino para crianças autistas

O diagnóstico de autismo vem crescendo muito. Por isso, as escolas e profissionais devem estar capacitados para receber estas crianças, buscando sempre estratégias de ensino para lidar com elas, mesmo sabendo que o autista deve e merece ser tratada como qualquer criança.

O autista tem certas dificuldades que uma criança sem autismo não tem, mas que precisam ser educadas e ensinadas em escola regular.

Capacitar os professores e as escolas a trabalhar com um currículo que responda a estas exigências é, pois, o grande desafio que se coloca à própria escola e aos serviços de apoio. Planificar a aprendizagem e a participação de todos os alunos sem recorrer a respostas estereotipadas e pré-definidas, procurar as melhores formas de adaptar ou modificar o currículo à diversidade das necessidades dos alunos, trabalhar em articulação com outros profissionais ou serviços, promover a colaboração e partilha de informações e experiências entre professores, dinamizar a produção de materiais curriculares, a observação mútua de aulas, a emergência de parcerias pedagógicas, incentivar a experimentação e inovação pedagógica. (CORREIA, 2008, p. 47).

O autista tem capacidade de aprender como qualquer outra criança, apenas necessita de um pouco mais de atenção e de uma metodologia específica com profissionais compromissados com a missão de educar.

A criança autista gosta e aprende com rotinas é muito difícil quando algo foge da rotina. E quando são estabelecidas atividades direcionadas ao desenvolvimento da criança em sua rotina, é de grande valia. Sendo assim, profissionais devem buscar estratégias para esse aluno em sala de aula, como enfeitar a sala de maneira que agrade, e não só com conteúdos, mas com atividades lúdicas que o interessa, pois é importante que ele fique em sala junto com os colegas.

Não se pode esquecer que o autista não consegue permanecer em um local fechado por muito tempo, nem em atividades extensas. É importante que o professor: fale sempre por comando, uma coisa de cada vez, porque é difícil para a criança processar tudo de uma vez; lembre-se da rotina e de colocá-la para participar de tudo com as demais crianças da sala e sempre repetindo, pois a mesma aprende com a repetição e também com a imitação; trabalhe muito com o visual em vez de só falar, respeitando também o tom de voz, pois, muitas vezes, ficam irritados com o barulho.

A criança com autismo precisa de previsibilidade no seu dia a dia: o que irá acontecer, quais atividades irá fazer, se haverá algo diferente. A antecipação dos acontecimentos faz com o que ela se sinta segura, saiba seus objetivos e o que os outros esperam que ela faça. Essas crianças por si só, têm dificuldades em gerenciar seu tempo. Por isso é importante ter uma rotina pré-estabelecida. (PULY, 2016, blog Clube Materno)

Ainda de acordo com Puly (2016).

A rotina precisa ser utilizada em casa, na escola em todas as atividades do seu dia a dia. Quando a criança com autismo não está preparada para algum acontecimento, se desorganiza emocionalmente, podendo ficar frustrada, desconfortável, irritada, etc. (PULY, 2016, blog Clube Materno)

É muito importante compreender o autista, não necessariamente deixando-o fazer o que sempre quer, mas entendendo e respeitando seus limites a fim de deixá-lo confiante e confortável.

São os profissionais que precisam entender o autista, pois ele tem dificuldade e luta para conseguir adaptar-se em um mundo que nem sempre ele reconhece. Por isso, a atualização do profissional é tão importante, principalmente porque o autista tem dificuldades com a linguagem e que precisa ser sempre dita de forma clara e objetiva.

Segundo Costa (2017), é preciso compreender que pessoas autistas, muitas vezes, não aprendem como uma criança neurotípica. Durante o desenvolvimento típico, geralmente, a criança não necessita de intervenções específicas ou mediação para o aprendizado.

Por outro lado, no autismo, o processo de aprendizagem é diferente porque "há uma relação entre o cérebro e os sentidos, então as informações nem sempre geram conhecimento" (CUNHA, 2009, p. 23).

Portanto, para que uma criança atípica se desenvolva num ambiente escolar, torna-se necessário que o professor manipule diferentes recursos na aprendizagem, pois cada educando aprenderá de forma diferente.

A tecnologia é uma ótima estratégia de aprendizagem do aluno autista, é algo interessante que chama a atenção, é motivador e pode ser aplicada em todas as disciplinas.

Aplicações da tecnologia para auxiliar pessoas que possuem autismo são muito importantes. A realidade aumentada (RA) é uma tecnologia nova que pode ser utilizada para aplicações em diversas áreas e em constante crescimento sendo uma subárea da realidade virtual. Também é uma tecnologia dependente de processamento em tempo e, por isso, é influenciada pela evolução da computação, tanto do ponto de vista do hardware quanto do software. (FERNANDES *et al*, , 2014, p. 1)

Os professores devem estar atentos com o aumento de alunos autistas em suas salas de aula para melhor atendê-los. Sendo assim, devem ter boas estratégias de ensino e aprendizagem para um bom resultado, para que realmente aconteça a inclusão. Entendendo que os mesmos precisam ser orientados para que ocorra o aprendizado de acordo com a faixa etária.

6. Diário de práticas pedagógicas com uma aluna autista

O início da minha experiência profissional com uma criança autista em uma escola em Goiânia foi um desafio muito grande. A partir daí, resolvi estudar mais sobre o assunto.

Então, percebi que o comportamento da minha aluna condizia com as teorias dos autores estudados. Diante disso, resolvi registrar os momentos mais importantes com ela, formando um diário de prática pedagógica.

A aluna autista acompanhada por mim tem 5 anos de idade e seu nome será identificado apenas com as siglas iniciais AC a fim de preservar a identidade da criança.

Goiânia, 31 de Agosto de 2019.

Querido diário, com a troca de horário na escola, passei a acompanhar a aluna AC. Ela é uma menina linda, sorridente e autista. Ela tem 5 anos de idade e está no Jardim I.

No meu primeiro dia de trabalho, AC chorou muito durante toda à tarde.

Durante estes seis meses de experiência na escola, acompanheisomente crianças autistas, com menos dificuldades de socialização e aprendizagem.

Neste primeiro momento, estou analisando o comportamento da aluna AC e tentando entender o que ela quer dizer através do choro. Pois, ela é uma criança que não mantém um diálogo e fala poucas palavras.

Boa noite,
Sandra.

Os primeiros contatos com a aluna autista AC serviram para iniciar o processo de observação de como se apresentam as suas habilidades emocionais, sociais, comunicativas e cognitivas. Logo comecei a me sentir como uma estudante de Pedagogia capaz de auxiliar na aprendizagem dessa criança e de criar possibilidades educativas para ela.

A reflexão sobre a importância da relação que se estabelece entre o professor e o aluno autista deve ser constante, afinal existe a dificuldade de interação como aspecto marcante do diagnóstico.

Os relatos, a seguir, registrados no diário, demonstram tal dificuldade de interação da aluna AC.

Goiânia, 18 de Setembro de 2019.

Querido diário, minha aluna não entra na sala de aula e não larga sua mochila por nada. Então, pensei em colocar a cadeira no corredor da sala. Determinei que ela só fizesse a tarefa sentada ali e quea hora do lanche também seria sentada. Junto com ela, escolhi um lugar para a mochila. Os passeios pela escola poderiam continuar, mas de maneira organizada.

Agora, é trabalhar firme e esperar os resultados.

Boa noite,
Sandra.

Goiânia, 26 de Setembro de 2019.

Querido diário, AC é uma menina inteligente e que conhece todo o alfabeto e está aprendendo a fazer o nome dela. Realiza todas as tarefas com entusiasmo, quando não quer fazer, a respeito e a chamo para andar um pouco, mas que devera fazer a tarefa quando voltar. E assim tem dado certo.

A cada dia a cadeira e a mesinha da AC se aproximam mais da sala.

Para mim, tudo o que aconteceu até agora foi um avanço. Estou muito feliz com os resultados, principalmente em perceber que minha aluna se sente segura e confia em mim. Contudo, percebo, que na relação com o autista deve sempre haver o respeito e a compreensão.

Boa noite,
Sandra.

Goiânia, 18 de Outubro de 2019.

Querido diário, há alguns dias, AC realiza suas atividades dentro da sala de aula. Estou muito feliz por isso. Ela está calma e tranquila.

Quando ela fica nervosa, consigo acalmá-la; sentamos, conversamos e tudo fica bem.

Hoje, fomos para a biblioteca e ficamos um bom tempo folheando com atenção o livro da Luna.

Boa noite,
Sandra.

Segundo Kelman (2010), no contexto da interação social com o aluno, o professor pode promover intervenções psicoeducacionais. No entanto, deve haver a seguinte preocupação: estabelecer os limites entre o que é responsabilidade do professor e o que pode/deve ser feito por outros profissionais, como, por exemplo, médicos, fonoaudiólogos, psicólogos e psicopedagogos.

E tal preocupação sempre foi levada em consideração ao longo do acompanhamento pedagógico da aluna AC. Tanto que, no relato final do diário, há o seguinte registro:

Goiânia, 05 de Dezembro de 2019.

Querido diário, a cada dia que passa, sinto-me mais feliz com meu próprio aprendizado e a experiência conquistada. Foi um desafio! Principalmente, com o avanço da minha pequena e grande AC, uma menina que, quando a conheci, vivia vagando dentro da escola sem nada fazer, a não ser chorar.

Hoje, ela faz suas atividades junto com os colegas dentro da sala de aula, vai para o laboratório, biblioteca e também para a horta. As atividades não são adaptadas, são as mesmas dos demais alunos.

Tudo veio acontecendo no decorrer dos meses, com amor, luta e lágrimas. Atualmente, posso dizer que AC é uma menina mais feliz e segura, pois venceu barreiras que muitos achavam que ela jamais conseguiria vencer.

Quando se fala de educação inclusiva, se fala em um ambiente adequado e composto de profissionais preparados e que tenha o cuidado de estarem sempre se aperfeiçoando para o exercício da educação inclusiva. Pois não é fácil. Sendo que, cada criança é diferente da outra como qualquer uma.

Mesmo o trabalho com a inclusão sendo um pouco mais complexo, é também prazeroso, encantador. É um trabalho que quando é bem feito e com amor, mostra-nos que a educação pode transformar o mundo. A educação inclusiva faz de nós, profissionais pedagógicos, seres melhores a cada desafio.

Boa noite,
Sandra.

Todos os registros do diário de prática pedagógica demonstram que o exercício da docência é um desafio constante, tanto para o professor regente quanto para o professor de apoio como é o meu caso, pois somos responsáveis por possibilitar a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno autista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das observações e pesquisas realizadas, foi possível detectar com propriedade as dificuldades dos alunos autistas e o esforço enorme que eles fazem para vencer estas dificuldades, como também as metodologias e estratégias que os professores oferecem para que aconteça realmente a inclusão. Foi possível também perceber que os alunos com autismo são tão inteligentes quanto os outros sem autismo. Apenas possuem maiores dificuldades. Que com otimismo e dedicação dos professores, os resultados educacionais serão satisfatórios.

Diante disso, a pesquisa foi suficiente para deixar clara a definição como também as principais dificuldades do autismo.

As hipóteses levantadas no tema foram bem esclarecidas de acordo as opiniões de alguns estudiosos citados durante a pesquisa. Como também os objetivos gerais e específicos foram alcançados, adquirindo ideias de estratégias de ensino e aprendizagem para o aprendizado necessário do aluno.

O autismo é uma síndrome com muitas interrogações ainda pouco definidas. Contudo, deixam os profissionais sem saber o que fazer com os alunos que chegam em sala de aula com essa condição e que, então, o papel dele é fazer com que o aluno se desenvolva de forma significativa. Por esse motivo, foi muito importante desenvolver esta pesquisa para a contribuição dos profissionais docentes a cada desafio. De como se preparar para colaborar com alunos que precisam de uma atenção específica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Jr. B. Francisco. **Como Criar Crianças Saudáveis**. São Paulo: Atheneu, 2018.

ARANHA, Maria Salete Fábio. **Paradigma Da Relação Da Sociedade Com As Pessoas Com Deficiência**. Revista do Ministério Público do Trabalho. Brasília, x.n. 21/2001.

BLACK, Donald W., GRANT, Jon E., **Complemento Essencial para o Manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** – Guia para o DSM-5. Ed. Artmed, 2015 in <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=PJs7BgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=dsm-5&ots=1dc->

[Ry9gy4&sig=maJDPQlimGTWreTLf91OyRj0dPo#v=onepage&q=dsm-5&f=false](#) acesso 07-06-2020.

CUNHA, Eugênio. **Práticas Pedagógicas Para Inclusão e Diversidade**. Br: Wak, 2011.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão**. São Paulo. Wak, 2012.

EVERINO, Antônio, Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 1986.

FERNANDES, Flávia Gonçalves; OLIVEIRA, Luciene Chagas de; RODRIGUES, Mylene Lemos; VITA, StéfanoSchwenck Borges - **Vale Sistema para auxílio na alfabetização de crianças com autismo utilizando realidade aumentada para dispositivos móveis**.

https://www.peteletricaufu.com/static/ceel/doc/artigos/artigos2014/ceel2014_artigo007_r01.pdf acesso dia 04-06-2020.

FONSECA, Vitor. **Aprender e Aprender**. São Paulo: Salesiana, 2001.

GOLDBERG, Karla. **Autismo: Uma Perspectiva Histórico-Evolutiva**: Revista DCH – 6 p.65 in <file:///c:/users/user/download/263-1233-1-PB.pdf> 2004

GOMES, Camila Graciella Santos - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial - Universidade Federal de São Carlos - Bolsista de mestrado da CAPES - **Autismo e ensino de habilidades acadêmicas: adição e subtração**
https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382007000300004&script=sci_arttext&tIing=pt acesso 06-06-2020.

GRANDIN, Temple. **O cérebro autista**. São Paulo:Record, 2015.

KELMAN, C. A.; CARVALHO, E. N. S. de; NEVES, M. M. B. da J.; RAPOSO, P. N. **Necessidades especiais no contexto escolar: a ação do professor**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. CEAD – Curso de Especialização para Professores do Ensino Médio do GDF, Módulo 5 da Área Comum, 2008.

KELMAM, C. A. [et al]. ALBUQUERQUE, D. e BARBATO, S. - **Organizadoras. Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar**. Brasília, Editora UnB, 2010.

KANNER, Leo. CAVALCANTI, Elisabeth Ana. BARROS, Helena Maria. ROCHA, Schmistbaver, Paulina. **Autismo**. São Paulo: Escuta, 2012.

MENEZES, A. R. S. **Inclusão escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende?** Dissertação de Mestrado, UERJ, 2012.

Mello, Ana Maria S. Ros, de Andrade, América. HO, Helena. SOUSA, Dias, Inês. **Retratos do Autismo no Brasil um edição**. São Paulo: Ama, 2003.

Mello, Ana Maria. **Autismo. Guia Prático. 2ª Edição** São Paulo: Corde, 2001. **O brincar nos transtornos do espectro do autismo: estratégias para o desenvolvimento cognitivo e emocional:** ISSN2176-9761-2015-01-04-leite.pdf /4 in: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/142267/ISSN2176-9761-2015-01-04-leite.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso: 24-05-2020.

MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza; BATISTA, Diana Oliveira Neves de Melo; MORAES, Edileuza Gonçalves de Carvalho; MAGALHÃES, Tarciana de Sousa; NUNES, Benevina Maria Vilar Teixeira; MOURA, Maria Eliete Batista. **Vivências maternas na realidade de ter um filho autista: uma compreensão pela enfermagem** - https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672008000300009&script=sci_arttext acesso dia 04-06-2020

MONTENEGRO, Maria Augusta. **Transtorno do espectro autista.** São Paulo: Revinter, 1 edição, 2018.

Orrú, Ester Silva. **Autismo, linguagem e educação.** São Paulo: Way, 2012.

PINHO, Mariana Campos; **Contribuições do uso de atividades lúdicas em sala de aula, para o desenvolvimento e aprendizagem de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma intervenção no contexto escolar.**2018, Pelotas.

<http://www.repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/4379/1/Mariana%20Campos%20Pinho.pdf> acesso 07-06-2020.

PULY, Amanda. **O Autismo e a Importância da Rotina 2016.** Blog Clube Materno. <https://psicologiaacessivel.net/2016/11/23/o-autismo-e-a-importancia-da-rotina/> acesso 06-06-2020.

ROTTA, TellechaNewra. OHLWEILER, Lygia. RIESGO, Rudimar. **Transtornos da Aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2016.

SASSAKI, Romeu. **Inclusão: Contribuindo Uma Sociedade Para Todos.** Rio de Janeiro: Wva, 2010.

SIGMAN, Maria. **Autismo e o Seu Impacto no Desenvolvimento Social de Crianças Pequenas.** Reino Unido: Ver, 2007.

TAVARES, Talita. **O Brincar na Clínica Psicanalítica de Criança com Autismo.** São Paulo: Blucher, 2019.

VARGAS, Rosanita Moschini. **Autismo e Síndrome de Asperger: caminhos possíveis.** In: SAMPAIO, Simaia; FREITAS, Ivana Braga de (Orgs.). **Transtornos e dificuldades de aprendizagem: entendendo melhor os alunos com necessidades especiais.** 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014. p. 163 – 186.

WHITMAN, L. Thomas. **O desenvolvimento do autismo.** M. Books, 2015.